



UM COMENTÁRIO REVERBERANTE

(Alan Moore, o inglês liberal metido, critica as atividades recentes do nosso governo.)

Traduzido por Alexis Lemos (ab_lemos@ig.com.br)
Artigo originalmente publicado na revista "Arthur", em 2003, a quem se reservam os direitos de propriedade intelectual, exceção feita à esta tradução que é © 2004 by Alexis Lemos.

Aí vai uma piada: como você chama um garoto iraquiano de oito anos de idade sem braços, sem parentes ou pele não queimada abaixo da cintura? Eu não sei. Eu estava praguejando em frente à TV e não entendi o nome. Não se incomode se você não entendeu. Sem dúvida estaremos contando isso de novo daqui a uma dúzia de anos, aproximadamente. E ainda sem entender. É a repetição que nos tiraniza. Toda essa bosta de "Feitiço do Tempo". As turmas de história do século XXII, assumindo que nos preocupamos em manter uma, nos odiarão por fazer tudo dobrado e bagunçar com a seqüência. "Então, qual Bush fez a Guerra do Golfo II novamente? Foi o choramingas ou o chimpanzé?"

Os britânicos tem estado rodando neste laço de porno-baioneta por mais de um milênio, desde os anos 1090 e as primeiras Cruzadas, empreendidas para salvaguardar os lugares sagrados cristãos (os quais, para começar, sendo também lugares sagrados muçulmanos, não estavam realmente ameaçados) em vez de por Liberdade e Democracia, embora bastante estranhamente, as forças invasoras fossem então lideradas pelos francos.

Voltando atrás, estes territórios bloqueavam o acesso da Inglaterra à Estrada da Seda, mas não era por esse motivo que estávamos indo à guerra. Era com aqueles monumentos cristãos que nós estávamos preocupados. Ricardo Coração-de-Leão fala para seus homens com aquele olhar de doninha-no-matadouro do Tony Blair: "Vejam, OK, eu sei que há sempre uma teoria da conspiração, mas honestamente eu posso dizer que isto não tem nada a ver com seda".

Seguimos rapidamente para o início do século vinte e ainda encontramos os britânicos estoicamente agitando a Massa na Mesopotâmia. Apesar do Joãozinho Árabe nos ter ajudado contra o malévolo turco, agora precisávamos do petróleo dele para lubrificar as engrenagens da florescente indústria britânica e isso carecia uma mudança de regime. Então, nós libertamos a área e a colocamos em uma rota apropriada rumo ao Iraque e a Ruína. Quarenta anos depois, com os britânicos ainda dirigindo o país, tivemos Winston Churchill proclamando que não tinha objeções sérias a que os aviões da RAF bombardeassem os nativos curdos revoltosos com gás venenoso. Como muitos grandes pontos altos culturais tipo, digamos, campos de concentração, batatas fritas ou colonialismo, você descobrirá que os britânicos estão usualmente à frente do seu tempo.

Por volta dessa época, durante os anos 1930, Prescott Bush havia feito a fortuna da família com seus negócios com o Terceiro Reich (ele foi mesmo capaz de presentear o aparelho de jantar de Hitler para a fraternidade *Skull & Bones*), desincumbindo-se disso entusiástica e lucrativamente até uma tarde em 1942 quando Roosevelt cortou o barato, tornando o comércio com a Alemanha Nazista ilegal. Isto, sem dúvida, chegou como um grande alívio para Winston Churchill, estando a Inglaterra em guerra contra o Reich desde 1939, e os diplomatas americanos em Londres exortando-o repetidamente por todos estes anos para que ele ficasse do lado da Alemanha.

Agora, desde o finado século dezenove cristãos milenaristas instavam o Parlamento Britânico à criar uma pátria israelita na Palestina, sua argumentação baseada aparentemente mais na profecia bíblica do que em considerações políticas ou humanitárias. Se a profecia do Povo Escolhido de Deus voltando para o lar na Terra Prometida fosse cumprida, isto provavelmente seria seguido por, sucessivamente, a Segunda Vinda de Cristo e o Apocalipse. E você tem de admitir, eles estavam cobertos de razão, exceto por toda aquela bosta de segunda vinda.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou com sua espetacular revelação da primeira genuína arma de destruição em massa do mundo, o impulso para criar um estado judeu tornou-se considerável. Aproveitando-se dos avanços na tecnologia e deste modo da cobertura de imprensa que a guerra havia trazido, um grupo de combatentes da liberdade sionistas (incluindo em suas fileiras um jovem Menachim Begin) detonaram uma cantina do exército britânico na área. A forma pela qual isso atraiu a atenção da mídia mundial para o que seria, no final das contas, uma causa bem sucedida, criou muito claramente o conceito moderno de, ah, combatentes da liberdade, e deu a todos os subseqüentes combatentes da liberdade um excelente modelo funcional para seguir:

exploda coisas e apareça na televisão. Claro, mostrou-se que a Terra Sem Uma Pessoa não era encarada por esse ângulo pelos, bom, por exemplo, palestinos. Isto levou a todos os tipos de problemas, mas dentro de um par de décadas, Israel tinha o amortecedor de um número de regimes pró-ocidentais que se haviam estabelecido na área, tais como o do muito omitido empreendedor da tortura, o xá do Irã. O petróleo, e nada disso tinha que ver com petróleo, estava relativamente seguro.

Então Jimmy Carter de algum modo ganhou as eleições de 1976, nomeou o cruzado da limpeza Stansfield Turner, como cabeça da CIA e subseqüentemente parou os pagamentos clandestinos de dinheiro da CIA aos aiatolás mercenários do Irã, feitos sob o entendimento de que os clérigos ignorariam a tortura e o encarceramento dos muçulmanos comuns, e deixariam o xá em paz. Naturalmente, isso acabou indo à pique e em 1979 o xá tinha sido deposto, o aiatolá fundamentalista Ruhollah Khomeini estava no comando do Irã e havia apreendido um avião cheio de reféns americanos para mostrar que falava sério.

Talvez não inteiramente por coincidência, foi por esta época que os poderes do ocidente acharam do seu maior interesse apoiar o governo militar do charmoso Saddam Hussein, aos quarenta e dois anos de idade, no vizinho Iraque. Ele pode ter sido um psicopata e assassino, mas ao menos não era um fundamentalista islâmico e ele era o *nosso* psicopata e assassino, da mesma forma que o presidente Marcos havia sido "nosso filho-da-puta" nas Filipinas e Slobodan Milosevic representava os Balcãs com os quais podíamos fazer negócios.

Durante a inevitável guerra Irã-Iraque, nós prestativamente abastecemos Saddam com as munições e o gás venenoso que ele usou contra os iranianos. De fato, é como podemos ter tanta certeza de que Saddam tinha armas ocultas de destruição em massa como, digamos, antraz ou gás sarin: Donald Rumsfeld (cuja companhia estava vendendo as supracitadas mercadorias para o ditador do Iraque até pouco antes da primeira Guerra do Golfo, em 1991) foi cuidadoso o suficiente para guardar todos os recibos.

Mas apesar do Joãozinho Iraquiano nos ter ajudado contra os malévolos iranianos, parecia agora que ele poderia estar pensando em pegar toda a riqueza do petróleo do país para si mesmo, junto com a do vizinho Kuwait. Estávamos bastante seguros sobre este último ponto, dado que de acordo com vários relatórios, os puxa-sacos de Saddam haviam feito contato com Madeline Albright no Departamento de Estado americano, considerando se os EUA, como valioso aliado e fornecedor de armas, teria alguma objeção à tal invasão. O Departamento de Estado não disse não. O que nos trouxe a primeira Guerra do Golfo, cortesia do ex-espião da CIA e admirador de Nixon, George Herbert Walker Bush.

Depois da encenação do equivalente a uma Feira de Armas brilhantemente administrada pela mídia na região (onde afinal, a maioria dos prováveis consumidores de armas estão convenientemente situados), Bush sênior pareceu carecer da firmeza necessária para terminar o regime de Saddam Hussein, talvez por causa da firme certeza da maioria de seus consultores militares de que tal movimento quase certamente levaria o líder iraquiano, sem mais nada a perder, a lançar armas de destruição em massa sobre Israel e precipitar o "Armagedon no Oriente Médio".

Interessantemente, o mesmo consultor, cujas opiniões acredita-se serem idênticas às de Bush sênior, levantou exatamente a mesma questão quando aconselhando sobre o atual conflito iraquiano, mas presumivelmente o Bush mais jovem, possuindo ainda menos "lance de visão" do que seu pai, não foi persuadido. Dica: mil pontos de luz sobre Bagdá.

O Bush mais velho não tinha sido, comprovou-se, o primeiro a oferecer outra mudança de poderes no Oriente Médio além do amplamente desprezado Saddam. Talentoso combatente da liberdade treinado pelos americanos e herdeiro milionário de um empreiteiro saudita, Osama Bin Laden, recém acabado de repelir exitosamente a malévola União Soviética do Afeganistão à pedido dos EUA, aparentemente tentou sem sucesso persuadir os sauditas de que seu crescente bando de combatentes da liberdade Mujahedin, Al Qaeda, poderia remover Saddam se apenas lhes permitissem se estabelecer na Arábia Saudita. Talvez conscientes de quão difícil poderia ser livrar-se da Al Qaeda depois que tal conflito estivesse terminado, os sauditas declinaram e em vez disso colocaram sua confiança (deslealmente, aos olhos do rancoroso Bin Laden) na América.

Em retrospecto, você pode ver como essa pilha instável cuidadosamente balanceada de megalomaniacos foi lindamente montada, e precisava somente de um desastre para ser projetada numa catástrofe quase inacreditável.

Este desastre aconteceu nas eleições americanas de 2000, as quais muitos de nós poderiam ter tomado por um episódio de "Os Gatões" ("The Dukes of Hazard") se houvesse um pequeno fundo musical de banjos. Eleito por uma mínima, alguns realmente diriam não-existente, maioria, George Walker Bush, o jovem, obviamente precisava de algo que o fizesse parecer legítimo caso ele persistisse tempo suficiente no serviço para realizar tudo que seus financiadores corporativos exigiam dele. Cercando-se de figuras entusiasticamente pró-guerra tais como Dick Cheney e Donald Rumsfeld (que vinha recomendando uma invasão ao Iraque para salvaguardar o suprimento de petróleo desde 1998), "Deathrow Dubya" anunciou durante os primeiros meses de sua administração

que havia chegado o tempo de se engajar numa guerra ao Terror, tomando como tal *estados vagabundos* como Afeganistão e Iraque.

O Afeganistão era, nesta época, a primeira prioridade da administração Bush. Um oleoduto através do Afeganistão, com o qual o valor estimado em trinta trilhões de dólares de petróleo remanescente na antiga União Soviética poderia ser bombeado para o Golfo, reduzindo a preocupante dependência dos Estados Unidos de recursos árabes, era a opção favorita das corporações petrolíferas americanas nos anos 1990. Claramente, tais esperanças eram frustradas pela emergência do fortemente anti-americano regime Talibã durante os últimos anos da década, e da mesma forma seria claramente contra a Lei Internacional derrubar a liderança de um país só por que ela não concordava com os interesses comerciais americanos.

Neste ponto foi lembrado que o antigo herói anti-soviético Mujahedin, Osama Bin Laden, acreditava-se estar residindo com suas coortes, no Afeganistão. Os Estados Unidos tinham razões semi-legítimas para desejar perseguir Bin Laden, dado que ele tinha, apesar de tudo, estado por trás daquela primeira bomba terrorista no WTC e também por trás dos ataques às embaixadas africanas da América.

Consequentemente, durante um encontro diplomático que aconteceu durante o verão de 2001 e subintitulado "Brainstorming Afghanistan" ("Repensando o Afeganistão"), diplomatas americanos se comunicaram com o Talibã usando o Paquistão como intermediário, informando-lhes durante o período informal "fase dois" do encontro que os EUA estariam lançando uma Guerra Contra o Terror em algum momento de Setembro, invadindo o Afeganistão com o objetivo de localizar o líder da Al Qaeda. Esta informação foi presumivelmente passada à Osama Bin Laden por seus contatos no Talibã e, não surpreendentemente, dado que a máquina de guerra do Pentágono havia prometido cair sobre ele em Setembro, não importa o que tivesse ou não tivesse feito, parece que ele optou por obter sua retaliação primeiro.

Seguindo-se ao ataque às Duas Torres, com a guerra no Afeganistão exitosamente em movimento, Dick Cheney retirou-se de seu posto executivo na companhia ocupada em construir usinas nucleares na Coreia do Norte, no momento exato para George Bush Júnior anunciar sua lista de compras de estados-vagabundos, o Eixo do Mal, com Irã e Coreia do Norte vindo logo após o Iraque. Observe que ao assumir o cargo de vice-presidente, Dick "O Homem de Mil Faces" Cheney também declarou que não estava atualmente sendo pago pela Halliburton, vencedora do contrato de reconstrução do Iraque. Isto era tecnicamente verdadeiro, mas somente por causa do novo arranjo de Cheney com a companhia onde, por conta dos impostos, eles concordaram em somente pagá-lo a cada seis meses.

Com a guerra afegã enrolada em seu modo meia-boca inconclusivo e Saddam sendo o próximo na mira da administração Bush, nos foi assegurado que qualquer ataque ao Iraque seria travado somente com o propósito de livrar Saddam de qualquer armamento nuclear, químico e biológico que ele possuísse. Isso definitivamente não tinha nada a ver com petróleo, fosse lá o que fosse que aqueles cínicos que apontaram todos os vínculos dos principais personagens americanos com corporações de energia, ou o fato de que Condoleezza Rice realmente tivesse um petroleiro batizado com o seu nome, pudessem sugerir.

Então, durante aqueles meses em que os EUA e a GB precisaram reunir forças suficientes para a invasão ao Golfo, quando eles fingiram dar importância ao que quer que Hans Blix encontrasse ou deixasse de encontrar, em face da continuada não-descoberta de uma ogiva claramente fumegante, eles mudaram de rumo e fizeram dos supostos vínculos do regime de Saddam com a Al Qaeda e outras organizações terroristas o foco de sua auto-justificação. Foi sugerido que velhas armas jogadas por todo Iraque poderiam cair nas mãos de terroristas, embora seja objeto de adivinhação por que qualquer aspirante a terrorista procuraria por matéria-prima no Iraque, o país mais pesadamente vigiado do mundo, quando há montes de coisas quase de graça nas vastidões da quase totalmente arruinada ex-União Soviética. A ostensiva vinculação com a Al Qaeda também desaparece perante o simples fato de que Saddam Hussein é um líder secular, enquanto a Al Qaeda é um bando de fanáticos islâmicos perturbados, comprometidos em depor o odiado infiel de seu centro de poder, ou de outro modo, aguardar que a coalisão dos desejosos o fizesse por eles.

À medida em que a data de início previamente estabelecida se aproximava sem que evidência clara de sua necessidade tivesse surgido, a coerência e a autoridade das Nações Unidas surgiu como sua primeira baixa. Esta venerável instituição transformou-se em objeto de escárnio por sua recusa em dizer que preto era branco segundo a assertiva autoritária da América. Os argumentos e evidências apresentados sem grande entusiasmo pela coalisão, foram de um exagero risível, idiota (como aquele documento da Inteligência Britânica detalhando os planos bélicos de Saddam, pelo qual Colin Powell pareceu ficar tão impressionado, e que provou-se ter sido em grande parte copiado de uma tese de graduação escrita por um estudante californiano mais de dez anos antes), mas quem realmente zombasse ou comentasse isso, era descrito pela administração Bush como o equivalente de um bando de intelectuais franceses convencidos e esnobes mijando na

cabeça dos mortos das Torres Gêmeas enquanto comiam lesmas e discutiam Jerry Lewis à sério. Aparentemente, ou você está conosco ou contra nós. Isto significa, efetivamente, que a menos que todos concordemos em aceitar literalmente cada palavra que venha da boca do ex-drogado, suposto ex-alcoólatra e fraudador corporativo George W. Bush como a própria verdade de Deus, então devemos esperar ser respeitados e tratados como verdadeiros membros da Al Qaeda.

Os aviões-bomba do WTC, para a administração Bush que levou a eles em primeiro lugar, falhou conspicuamente em preveni-los e depois desavergonhadamente explorou esta horrível tragédia humana para o avanço de suas agendinhas de merda, tornaram-se a pedra de toque sagrada desta proposta "Guerra Sem Fim". Qualquer ação política anteriormente impensável pode ser instantaneamente validada pelas palavras mágicas 11-9, mais ou menos da mesma forma que o governo Ariel Sharon em Israel pode fazer com que horríveis questões morais e humanitárias simplesmente desapareçam ao se mencionar o Holocausto. A lógica parece ser de que, se algo suficientemente terrível aconteceu à você no passado, então você tem completa licença para fazer coisas terríveis com todo mundo, para sempre. Esta, certamente, é uma lógica que deixaria assassinos seriais vindo de lares desajustados, livres para matar como bem lhes agradasse, devendo mesmo ser munidos com as indispensáveis moto-serras e serras elétricas. É uma lógica que determina "Coisas monstruosas nos têm sido feitas, por conseguinte é legal se comportar monstruosamente". É a lógica de George Bush, e é também a de Osama Bin Laden. Ou, sobre esse assunto, a de qualquer garoto de quatro anos. Como resultado de tal lógica, parece que desde Setembro de 2001 a América e Israel têm estado competindo um contra o outro numa excitante corrida de alta base moral ladeira abaixo, desperdiçando simpatia pública como se nenhuma das duas nações esperasse precisar de tal coisa mais adiante.

O que nos traz de volta ao atual conflito do Iraque, o modo pelo qual ele veio inexoravelmente à existência à despeito da ofuscante falta de provas de sua necessidade, à despeito da condenação dos líderes religiosos mundiais e os anteriormente inimagináveis milhões por todo o mundo que marcharam contra a guerra em Fevereiro. Porque, de certo modo, é realmente verdade quando eles dizem que esta guerra não é sobre a petróleo... ou ao menos não é inteiramente sobre petróleo. Ela é, como dizem, uma "campanha baseada-em-efeitos". Parte de seu principal "efeito" pretendido, deve provavelmente ser aterrorizar outros potenciais inimigos até à submissão, convencendo-os de que o último Super-poder/primeiro Ultra-poder mundial caiu nas mãos de um primata inferior guinchante e masturbatório, e que está agora constantemente à um fio de cabelo de tornar-se um louco furioso e matar todo mundo. Isso quase faz você ter saudades dos nostálgicos e aconchegantes dias da estratégia do "Louco" de Nixon/Kissinger. Quero dizer, fale o que quiser sobre Richard Nixon, mas ao menos ele era humano o suficiente para saber que era um maldito miserável, e falsear e mentir a fim de esconder sua vergonha. George W. Bush, por outro lado, tem sido Maldito por tanto tempo, que para ele isso aparece como Salvo. Sendo venturosamente liberado de considerações morais, quem questionar a ética de sua administração dará de cara com aquela mesma expressão meio distraída, meio genuinamente confusa nos olhos singularmente próximos. Claramente, nós não o entendemos. Ele é o presidente dos Estados Unidos. Ele pode fazer qualquer merda que queira. Isto não faz parte do trabalho? Não é isso que está na, ah, Constituição ou Declaração da Independência ou num daqueles outros pedaços de papel limpa-bunda que ele pretende ler se algum dia terminar *A Lagarta Morta de Fome*?

Outro efeito desta campanha baseada em efeitos, é presumidamente intimidar e asfixiar a oposição doméstica na própria Terra dos Homens Livres e Lar dos Bravos. Compre uma camiseta "Dê Uma Chance À Paz" e prepare-se para ter sua próxima cagada coberta pelo Campo Raio-X. Portanto, que os Homens Livres tomem cuidado. E por dar ocasionalmente ao eleitorado outro esguicho de Alerta Laranja, George "A Profecia II" Bush pode aparentemente reduzir os Bravos a sentarem-se em casa nos seus trajes Forte XXL Per-Quim com as janelas tapadas. Quanto a quaisquer celebridades liberais resistentes de boca grande, com a honrosa exceção de Michael Moore, eles podem provavelmente ser convencidos de que a discricção é a melhor parte da coragem se apenas derem uma olhada na correspondência odiosa recebida pelo pobre e velho Martin Sheen por interpretar um presidente americano que é diferente de George Walker Bush (este último ponto francamente confunde mesmo argutos observadores da América como eu; quer dizer, eu vi *The Dead Zone* e devo dizer que pensei que Sheen tivesse realmente captado aquele olhar fundamentalista cretino).

Talvez o efeito mais importante seja a mensagem enviada ao resto do mundo, a qual em grande escala parece ser o anúncio de uma nova era de unilateralismo americano. (Como disse uma veterana fonte militar dos EUA sobre os verdadeiros motivos para a guerra no Iraque, "nós o fizemos porque podia ser feito") Se a América decide que agora é permissível o assassinato de chefes de estado estrangeiros, o que quer que a lei internacional tenha a dizer sobre o assunto, então é assim que vai ser. Se a América decide que permanecerá sozinha em não reconhecer a nova Corte Internacional Criminal em Haia, então a América tem o poder militar para persistir nessa atitude, e parece que o poder militar o fez sobre toda aquela coisa da autoridade moral que costumava ser

muito mais que um fenômeno. Fazer o certo pode ter sido jogado fora. Brutalmente por toda a parte socam primeiro o ar e depois suas esposas em comemoração.

E certamente, tendo deixado claro que a América não sente mais que precisa de amigos ou aliados dentre a comunidade mundial, isto tende a pôr o fardo da responsabilidade pelo relacionamento sobre os próprios ex-aliados crescentemente ansiosos. A pergunta torna-se não "Quanto realmente gostamos da América?" mas "Quanto medo deles nós temos? Não seria melhor estar dentro da tenda americana e pedir arrego?"

Esta certamente parece ser a posição tomada por Tony Blair. Jurando lealdade à George Bush e seus fazedores de política, Blair tem obviamente sido preparado para alienar a maioria de seu próprio partido, a grande parte da população britânica e um segmento perturbadoramente grande de seus antigos amigos naquilo que às gargalhadas nos referimos como "a Comunidade Européia". É essa a sua importância para ele. Ecoando cada pronunciamento do Salão Oval e depois expressando sua profunda indignação ao modo pelo qual a maioria da população mundial continua a encará-lo, o "poodle de Bush". Dá pra imaginar o quão atrapalhado ele ficaria se a frase "lulu do Bush" atingisse uma circulação similar.

Agora, apesar do aparente colapso de qualquer resistência iraquiana organizada e o aparente desaparecimento de Saddam Hussein e da maior parte do grupo interno do seu partido Baath, parece que quaisquer considerações morais que existiam antes ou durante a guerra foram de algum modo retroativamente neutralizadas por esta vitória ambígua, pesadamente qualificada. Os Falcões sentem-se justificados. Afinal, eles mostraram a todos aqueles pacifistas que podiam invadir o Iraque, e aparentemente falharam em lembrar-se que o debate não era se poderiam, mas se deveriam. Não havia algo sobre armas de destruição em massa que Saddam certamente empregaria se não tivesse mais nada a perder? Armas das quais mesmo as altamente motivadas forças "amerimóvicas" especialmente-criadas-para-retrojustificar-a-guerra falharam em encontrar qualquer sinal. Um equívoco menor. Vamos ignorar isso e prosseguir com as paradas da vitória e as cerimônias de condecoração. George e Dick, tendo estado convenientemente ocupados em algum lugar durante aquela coisa do Vietnã, finalmente conseguiram tomar parte, embora de uma distância segura, de uma guerra real honesta-pra-caramba. Tony recebe uma medalha especial Ilha Ellis e talvez um anel decodificador. O povo iraquiano recebe sua liberdade e democracia, embora isso signifique que a maioria Shiar quase certamente votará num aiatolá e rejeitará a América. Ou ao menos eles o farão se aquela grande manifestação outro dia em Karbala, cantando "Não à América, não à Saddam! Sim, sim ao Islã!" foi algo que vai continuar. Os curdos tomaram Kirkuk. Os turcos se irritaram. A Al Qaeda e a Jihad Islâmica ganharam uma motivação gratuita de recrutamento. E eu suponho que teremos apenas de esperar para ver quantos Tim McVeighs ou John Mohammeds (ambos veteranos do Golfo) voltarão desta vez para casa com um partido na cabeça.

Isto, de muitas maneiras, seja o que for que pareça, é o cenário do melhor dos casos, no qual se faz a suposição bastante injustificada de que a "Guerra no Iraque" foram as três ou quatro semanas nas quais nosso próprio povo foi explodido em pedaços em visões noturnas psicodélicas de tempestades de areia tingidas de verde, que todos nós vimos na televisão, e que agora está tudo acabado. Isto supõe que os EUA não ficarão presos por anos ou talvez décadas, como uma força de ocupação numa área amplamente hostil à sua presença e já repleta de tensões religiosas explosivas. Assumindo que quando as velhas tropas britânicas neste conflito aventuraram a opinião de que o Iraque poderia se transformar em "outra Irlanda do Norte", tudo o que eles queriam dizer é que haveriam mais bares temáticos Guinness e que talvez se pudesse tingir o Eufrates de verde no dia de São Patrício. (Realmente, para ser estritamente justo, existem substanciais diferenças entre o Iraque e a Irlanda do Norte. Uma destas é que a Irlanda está relativamente isolada no meio do frio e úmido Atlântico Norte, enquanto o Iraque está jogado no meio do mais quente e seco isqueiro político do mundo. Faça as contas, como eles dizem.)

E por enquanto o mundo está gradualmente dividido entre Terroristas e Cruzados, chapéus de vaqueiro brancos e turbantes pretos. Temos uma guerra cujos objetivos são tão flexíveis e ambíguos que poderá se manter em movimento por décadas, simplesmente pulando de estado vagabundo em estado vagabundo, designando novos inimigos quando necessário, se algum dia parecer que suas rodas estão saindo fora do nosso atual Eixo do Mal. Este é o mundo que consideramos um presente apropriado para nossos filhos e para seus filhos. E quando eles nos olharem com olhos arregalados e nos perguntarem como nos livramos de todas aquelas armas de destruição em massa, nós lhes diremos que desenvolvemos um maravilhoso dispositivo especialmente para fazer isso, o Tremendo Canhão de Ar Comprimido. Imagine seus rostinhos: choque. Oooh!

Então, Islã bom, América ruim, é isso o que estão dizendo? Certamente não. O Islã é uma fé nobre e humana que desafortunadamente sofre por não ter uma cadeia evidente de comando terrestre, com uma resultante vulnerabilidade dos auto-nomeados homens santos que podem desejar liderar o Islã para terríveis conflitos, freqüentemente contra si mesmo. O Islã é uma das mais importantes fontes da cultura mundial, e se ele deseja preservar sua considerável integridade no

futuro previsível, ele precisa colocar sua própria casa em ordem e fazer o seu melhor para isolar quaisquer malucos que não representem o muçulmano médio comum, amante da paz (mais ou menos a mesma coisa poderia certamente ser dita sobre cristianismo e judaísmo; o Islã dificilmente tem o monopólio de fanáticos sectários antolhados, dos quais todos estaríamos melhor sem).

E quanto a América, então? Somos todos nós, europeus liberais metidos, anti-americanos por estes dias? Certamente que não. Quem lhe falou isso? O que, nós somos anti-Duke Ellington, Tom Waits, Herman Melville, Jackson Pollock, Chester Himes, Emperor Norton, Patti Smith, Tex Avery, Dorothy Parker, Edgar Allan Poe, Orson Welles, Billie Holliday, Raymond Chandler, Kathy Acker, Edwin Starr, Nina Simone, Raymond Carver, Paul Robeson, Bob Dylan, Chuck Berry, Emily Dickinson, Lou Reed, Wilhelm Reich, Thomas Alva Edison, Jimi Hendrix, Captain Beefheart, William Burroughs, Emma Goldman, Jack Kerouac, William Faulkner, Walt Whitman, Spike Lee, Allen Ginsberg, John Waters, Matt Groening, The Sopranos, Robert Crumb, Damon Runyon, Woody Guthrie, Edward Hopper e todas aquelas milhares de outras pessoas maravilhosas que expressam o que realmente é o coração gigante, incontrolável e enorme da América? Não. Vocês são um grande país, mas vocês (e o resto do mundo) foram "embushcados". Um estranho grupinho que por um período de tempo contentou-se em ser parte de um Governo Fantasma não-eleito, agora subiu audaciosamente à ribalta onde eles sentem (talvez corretamente) que agora podem fazer ou dizer o que quer que desejem, e que ninguém pode ou fará nada sobre isso. Eles estão prontos para o "close-up", Sr. DeMille. Não há mais qualquer necessidade de segredo ou sombras. Guerras secretas são coisas do século passado, concordam? Estamos em 2003, e eles podem ser tão visíveis quanto quiserem, partilhando a torta milenar com a prataria do *führer*.

Quanto ao resto de nós, se não formos todos muito cuidadosos, poderemos ser arrastados numa escalada progressiva de guerra ruinosamente destrutiva e evitável com o mundo islâmico, uma cultura tão espantosa e importante quanto a nossa própria. Uma cultura com a qual uma troca de informações em vez de mísseis, certamente seria de grande interesse para todos os envolvidos. Vamos ser um pouco menos Choque barato e um pouco mais Admiração genuína. Ou pelo menos, se não pudermos gerir a Admiração, simples Respeito. Respeito pelos outros e, principalmente, respeito por nós mesmos. Não têm havido muito disso ao redor ultimamente, entre as Fritas da Liberdade e o Fogo Amigo.

Assim, você: traga este país de volta.

E você: invista-se de um pouquinho de Paz.

(O autor, Alan Moore, vive em Northampton, Inglaterra)